

COM JÚLIO CÉSAR SUZUKI¹

Lisandra Pereira Lamoso
Francielle Bonfim Beraldi

E-L: Professor, fale um pouco de sua origem familiar.

JS: Eu nasci em Jales, estado de São Paulo, no dia 05 de agosto de 1971. Logo depois que eu nasci, migramos para o Mato Grosso, moramos em várias aglomerações urbanas e acabamos parando em Rondonópolis por 19 anos. Meus avós tinham vindo do campo, migraram para a cidade, mas meus pais já nasceram na cidade.

E-L: Então a sua formação acadêmica começa no Mato Grosso?

JS: Sim, desde o ensino pré-escolar, passando pelo fundamental e o antigo 2º grau. Mas na época que meus pais se separaram, estudei um ano em Jales, pois minha avó materna estava morando lá e fiquei com ela. Depois, ao me formar no ensino médio, retornei para o Mato Grosso e fiz o curso de Licenciatura em Geografia na Faculdade Federal do Mato Grosso, em Rondonópolis. Após, fui pra São Paulo em 1993 e fiz o mestrado, defendi em 3 de fevereiro de 1997. Em seguida entrei no Doutorado, no fim de fevereiro de 1997. E logo no final do 1º semestre desse ano prestei concurso na Universidade Federal do Paraná e aí fiquei como professor até 2003. Defendi o doutorado em 2002 e em seguida prestei concurso para trabalhar na USP, e sou professor do Departamento de Geografia Humana de lá desde 2003.

E-L: Então lá que você fez o curso de Letras?

JS: Na verdade eu já havia começado durante o Mestrado o curso de Letras na Universidade de São Paulo, mas a Pós-Graduação consumia muito tempo e dedicação. Quando concluí o doutorado, prestei um novo vestibular na Federal do Paraná para o curso de Letras e então pedi um aproveitamento de disciplinas que já havia feito na USP. Quando entrei na USP para trabalhar, iniciei graduação em francês e em português, sendo que estou para me formar em ambas.

E-L: Quais são suas áreas de pesquisa e especialização?

JS: Na verdade me especializei em algumas áreas além da Geografia Agrária, primeiro em Geografia Urbana, notadamente nas minhas pesquisas de Mestrado e Doutorado, mas também acabei pensando muito a relação entre agricultura e urbanização e é por isso que, depois de ter concluído o Doutorado, pleiteei uma vaga de professor na área de Agrária, fui classificado em primeiro lugar e acabei entrando. Depois, por conta da relação com o curso de Letras, que eu havia feito como outra graduação, e por uma paixão enorme, principalmente por Clarice Lispector, mas também por alguns outros autores da Literatura brasileira, acabei me aproximando do debate entre a Geografia e Literatura; orientei alguns alunos na

¹ Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1992), graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2004), mestrado (1997) e doutorado (2002) em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor doutor da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Agrária e Urbana, além de coordenar o Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte.

graduação, um no mestrado e um no doutorado com pesquisas envolvendo a relação entre a Geografia e a Literatura. A partir daí me enveredei com questões relacionadas a teoria, método e história do pensamento, que agora faz parte mais densamente da minha pesquisa de Livre Docência.

E-L: E como você analisa a sua evolução intelectual em relação às mudanças que ocorreram na sociedade brasileira, em especial no pensamento científico da Geografia, desde a década de 70 até hoje?

JS: O que acontece de maneira muito densa na minha formação é que, por ter feito a graduação na Federal do Mato Grosso, entre o final da década de 80 e início da década de 90, eu ainda peguei um curso que estava muito vinculado aos debates que eram da década anterior, ainda muito vinculado à Geografia clássica, uma Geografia que estava mais preocupada com o aspecto descritivo dos fenômenos, mas com pouco aprofundamento teórico; era uma Geografia mais historicista. Esse enfoque mais tradicional me levou, quando adentrei a Pós-Graduação na USP, tentar superar seus limites teóricos. Diante dos debates na época sobre a renovação do pensamento geográfico, sobretudo após 1978 na Assembleia Geral do Encontro Nacional de Geógrafos em Fortaleza, quando ocorre um processo inovador de participação dos alunos nos rumos da Geografia, assim como da introdução de novas perspectivas teórico-metodológicas nesse saber, foi exatamente essa Geografia que eu tentei incorporar durante mestrado e no doutorado. É isso que procurei trilhar e avançar, sobretudo numa perspectiva do materialismo histórico dialético, bastante distinto da geografia da UFMT, muito marcada por uma perspectiva positivista de produção do conhecimento.

E-L: E quais são os pensadores que você considera fundamentais para sua formação intelectual?

JS: Na minha formação, sobretudo na época do Mestrado e do Doutorado, o primeiro grande encontro foi com Henri Lefebvre, autor este que me permitiu ler muito do movimento que estava preocupado entender, o da urbanização de Rondonópolis, a transição de povoado à cidade, de rural para urbano, vendo algumas persistências de movimentos anteriores, como novos germes a engendram novas dinâmicas, ou seja, era essa relação entre permanências e mudanças que estava muito presente no meu argumento central e que encontrei em Henri Lefebvre. Também durante o mestrado o diálogo com José de Souza Martins foi fundamental, foi um intelectual de uma importância muito grande e acabou culminando como um interlocutor em minha pesquisa de doutorado. No doutorado discuti como o espraiamento urbano de São Paulo tinha mudado em conformidade a constituição da propriedade privada no Brasil, reverberando no significado da expansão urbana das cidades brasileiras, notadamente entre o século 16 e o século 19; tentei enfrentar essas questões tomando como referência São Paulo, para tal, as ideias de Martins e de Lefebvre foram muito importantes. Depois fui incorporando outros muito relevantes. No doutorado já havia aprofundado nas leituras de Marx, sobretudo na questão da renda da terra; em decorrência dessa base, acabei dialogando com autores que estavam trabalhando com a formação do campesinato, mas também a formação dos caipiras em São Paulo, como foram os casos de Antônio Candido, discutindo os parceiros do Rio Bonito, e Pierre Monbeig, quanto a expansão do café e a consolidação de uma nova territorialidade, alterando as relações sociais que estavam presentes

naquilo que foi abordado por Leo Waibel como fatores geográficos e os processos decorrentes da frente de expansão agrícola e econômica². Esses autores ainda reverberam e são fundamentais na pesquisa que venho desenvolvendo há 4 anos sobre populações tradicionais, lá de São Paulo, tendo como foco sobretudo os caiçaras e os quilombolas.

E-L: E como você se posiciona em termos de preocupações teórico-metodológicas adotadas hoje pela Geografia?

JS: Coloco-me na perspectiva daqueles que tentam produzir uma Geografia marxiana, que não seja ortodoxa, não tentando incorporar Marx a partir do que ele postulou para o século XIX, mas tente trazer para o mundo de hoje, pensando sobretudo nos dilemas que vivemos aqui, superando uma leitura eminentemente econômica, ou seja, incorporando também dimensões culturais e políticas na produção do espaço.

E-L: Então você pensa num modelo marxista, mais um pouco além disso...

JS: Exatamente, penso no marxista que atualiza os debates de Marx, considerando o tempo de hoje e suas outras dimensões que não só as econômicas.

E-L: Mas qual a importância do método para a sua pesquisa?

JS: O método é fundamental porque a partir das mudanças de método podemos pensar como os sujeitos foram lendo o mundo de maneira diferente e como foram alterando o próprio mundo. Na discussão do método na Geografia Agrária, que hoje é minha pesquisa de livre docência, estou tentando perceber como a própria Geografia vai se alterando em função do método e da incorporação de novas preocupações, não só porque os olhos dos pesquisadores se alteraram com novos instrumentos, novas técnicas, mas também porque o mundo mudou, permitindo e obrigando ao geógrafo a ler esses elementos da realidade espacial e da dinâmica social.

E-L: Como você analisa a situação da Geografia produzida pela Universidade brasileira hoje?

JS: Eu acho que a Geografia brasileira passou muito tempo subordinada às influências estrangeiras, particularmente quando de sua institucionalização através da criação do IBGE, da Universidade do Brasil e da USP; no caso dessas duas últimas, com o peso de toda a missão francesa chegando no Brasil com Pierre Monbeig, Francis Ruellan³, entre outros pesquisadores que vão trazer aportes para nossa geografia. As décadas de 40, 50, 60 e 70 estavam muito vinculadas a uma Geografia mais historicista, atendendo a esses padrões franceses, mas também com forte influência norte-americana e inglesa, como a expressada pela Geografia teórica-quantitativa; é uma Geografia muito dependente dos grandes centros estrangeiros de pesquisa e ensino, uma Geografia que lia nossa realidade a partir de ferramentas e

² **Antonio Candido de Mello e Souza** (1918). Sociólogo e Crítico Literário brasileiro, escreveu o clássico **Parceiros do Rio Bonito** em 1964. **Pierre Monbeig** (1908 - 1987). Geógrafo francês, que trabalhou no Brasil entre 1935 e 1946, ajudando a consolidar o pensamento geográfico na Universidade brasileira, notadamente na USP. **Leo Heinrich Waibel** (1888 - 1951). Em 1941 migra para os EUA e torna-se professor da University of Wisconsin-Madison, nesse período desenvolve pesquisas no Brasil, notadamente sobre a expansão da fronteira agrícola e formas de ocupação agrária do campo.

³ Francis Ruellan (1894-1975). Geógrafo francês, trabalhou no Rio de Janeiro entre 1940 e 1956 na outrora Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

métodos importados. Isso vai se alterar, sobretudo a partir de 78; estou colocando 78 como marco, mas há outros ingredientes anteriores que nos ajudam a pensar o movimento de mudança, por exemplo, o livro **A Terra e o Homem no Nordeste** do Manuel Correia de Andrade⁴, de 1963, que, apesar de estar ainda sobre o marco do pensamento francês, introduz um tema e uma abordagem mais de acordo com a realidade brasileira, abrindo novas possibilidades de estudos, o que veio a se concretizar, principalmente ao longo das décadas de 80 e 90. Essa Geografia vai ganhando autonomia e constituindo a possibilidade de ter novos métodos, criando uma Geografia brasileira mais preocupada em ler o que vivemos a partir de nossa história e não de modelos importados. Então acho que essa é a Geografia hoje, uma Geografia que está tentando se constituir com autonomia.

E-L: Em relação à América Latina como você vê a Geografia brasileira? Existe relação com outros países, em especial com a Geografia produzida nos demais países do Mercosul?

JS: Eu acho que sim. A Geografia brasileira, sobretudo a partir dos Encontros dos Geógrafos da América Latina (EGAL), o qual o décimo quarto se realizará em 2013 em Lima, Perú, tem encontrado a possibilidade de colocar os seus intelectuais em diálogo com a produção geográfica dos demais países da América Latina, permitindo a construção de uma Geografia para além do próprio Brasil. O EGAL tem sido um espaço privilegiado para a formulação de uma Geografia plural, voltada para as condições da realidade de nossos povos, visando abordar as questões comuns as profundas desigualdades sociais que permeia a história latino-americana. Como o Brasil, devido a sua força econômica e, quanto à Geografia, ter estabelecido os parâmetros pioneiros de um pensamento a partir de nossa perspectiva de periferia do sistema econômica, acaba sendo uma influência positiva para os demais geógrafos da região, o que reverbera na presença de brasileiros costumeiramente presentes nas bibliografias dos trabalhos desenvolvidos por inúmeros geógrafos latino-americanos, como por exemplo Milton Santos, Ana Fani A. Carlos, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Roberto Lobato Correa, Gilberto Osorio entre outros que são lidos e discutidos pelos geógrafos latino-americanos. Além do mais, tem outro elemento fundamental, é o peso de nossos centros de Pós-Graduação no articular com as demais Universidades da região, particularmente a USP (Universidade de São Paulo) e a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), que são os principais centros brasileiros na incorporação de estudantes latino-americanos e na conformação desse diálogo que é de uma Geografia para além do próprio Brasil. E seguem incorporando essa Geografia preocupada em não simplesmente adotar modelos europeus, eurocêntricos, mas que tente incorporar modelos novos, modelos nossos, latino-americanos.

E-L: E em relação à Europa e Estados Unidos? Você já disse que é uma relação de subordinação, mas você acha que esta ainda é muito frequente?

JS: Ainda temos uma relação de dependência hierárquica na produção desse conhecimento, sobretudo quando não vivemos uma experiência internacional a nos permita ver a grandeza de nossa Geografia em relação ao que se produz fora. Quando temos a noção de que, apesar

⁴ Manuel Correia de Oliveira Andrade (1922 - 2007) foi um escritor, historiador, geógrafo, advogado e professor brasileiro, escreveu seu clássico **A Terra e o Homem no Nordeste** em 1963 (São Paulo: brasiliense), no qual foca as profundas desigualdades sociais advindas com a concentração fundiária, abrindo para os estudos geográficos e históricos novas perspectivas políticas e teóricas, mais relacionadas com a realidade brasileira.